

ganda de cristalria": a missão de claridade que o leva, sempre, a prosseguir no exercício de deveres duramente diurnos como o de abrir janelas e difundir a luz. Sabe, por isso, que *"es necesario/llegar temprano y correr a otra parte/ sin más motivo que la luz de hoy/ mi propia luz o la luz de la noche:/ y cuando ya extendí la claridad/ en ese punto o en otro cualquiera/ me dicen que está oscuro en el Perú,/ que no salió la luz en Patagonia./ Y sin poder dormir debo partir:/ para qué aprendería a transparente!"*

O cantor confunde-se dessarte com o próprio canto: na sua missão, reparte-se e multiplica-se em fragmentos que entram e saem de outras vidas. Desautoriza por isso toda pose, todo alheamento, toda distância a separar o homem de seus irmãos, homens humanos. O voto já expresso e sobejamente defendido no *Canto general* repete-se em "El sobrevi-

viente saluda a los pájaros". Titubeante, inseguro às vezes, se abandona a terra é para entregar-se às suas divagações. Habitante transitório das regiões perdidas talvez pareça, então, alienado ou, mesmo, indiferente à sorte dos homens. Mas, não. Suplica-nos, negando e contrariando a súbita distração: *"déjame sacudir el carbón, las arañas,/ el silencio: y verás que soy tu hermano"*.

Els, no verso final com que encerra o livro o melhor desmentido ao título. A sua larga e bem vivida geografia nada tem de *infructuosa*: ensinou-lhe amor. Tanto aprendeu que pôs a sua morada à disposição de tudo quanto cresce:

*"no hay edificación como la mía
[en la selva,
no hay territorio con tantas
[ventanas,
no hay torre como la que tuve
[bajo la tierra."*

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

JORGE LUIS BORGES, *El oro de los tigres*. Buenos Aires, Emecé Editores, 1972, 168 pp.

Presença perturbadora no quadro atual das literaturas ocidentais, Jorge Luis Borges se tem distinguido pela vasta erudição e pelo culto jamais desmentido da palavra. Na

sua obra, labirinto fantástico, a ilusão, o milagre, a Cabala, a sabedoria milenar, as doutrinas de desconhecidos heresiarcas confundem e desnor-teiam o leitor incauto. Vã, absurda mesmo, parece a aspiração de quantos têm pretendido estudá-la com vista a demarcar-lhe fronteiras, distinguindo o território do real do fictício. Alguns, no desespero da eluci-

dação do enigma proposto pelo gênero inédito e pela forma e conteúdo inusitados, acabaram por render-se ao fanatismo didático: incluíram-na apressadamente no capítulo do Realismo fantástico, há pouco reintronizado nos manuais literários pela crítica de vanguarda. Melhor seria, talvez, que se deixassem conduzir pelo fio lançado pelo próprio autor e lhe considerassem a obra a partir dos títulos, já denunciadores do interesse e do estilo. Assim, as duas histórias, a *Historia de la Eternidad* e a *Historia universal de la infamia*; as ficções (*Ficciones*); as inquisições (*Otras inquisiciones*); a discussão (*Discusión*) e a informação (*El informe sobre Brodie*). *El Hacedor*, a que Borges chama "desordenada silva de vária lição", "*precisamente porque abunda en reflejos e interpolaciones*", teria plenamente explicada a sua intenção na confidência de que essas mesmas razões dele fizeram o mais pessoal de todos os seus livros. Em *El Aleph*, o universo da ficção reduz-se às dimensões do conto para realizar-se artisticamente. Aí nos movemos na outra cena, a do imaginário, que o contista frequenta com devota e assídua fidelidade. Por que, então, perder tempo à procura de rótulos que nada acrescentam à obra? Por que essa inútil e quase sempre malograda tentativa de subordinar a um gê-

nero literário tudo quanto seja letra, e também espírito?

Só depois de definitivamente libertos dos velhos preconceitos de artinhas e gramáticas caturras é que estaremos aptos para o descobrimento do universo de Borges. Na sua incansável originalidade o escritor argentino ignora preceptivas, esquivava-se à rigidez de normas, regras e cânones de escolas e movimentos constrangedores. O seu íntimo e diuturno comércio com as letras permitiu-lhe instalar-se com segurança e tranqüilidade no mundo mágico da literatura. Nela construiu morada. Não se trata, por conseguinte, de realidade fantástica: resume-se nela a sua realidade. O exílio ou degredo seria, para Borges, a forçada residência na terra, *habitat* natural de outro poeta americano, não menos admirável e de nomeada internacional, o chileno Pablo Neruda. Mas não é esse, não, o mundo de Borges, cidadão do universo das letras, universo para ele mais real que o nosso, de concreta tangibilidade.

Não nos interessa, porém, penetrar labirintos nem, tampouco, tentar explicar aquilo que é, na verdade, de "*espricança pouca*", como diz Rosália de Castro. O nosso assunto, o último livro de Jorge Luís Borges, foi o responsável por essas ficções. Vamos, portanto, ao seu encontro.

Terminada a leitura de *El oro de los tigres*, o que aprendemos, gravemente, é que em véspera de senectude o escritor se convence de que "vida e morte faltaram à sua vida". Daí, o tom melancólico do livro que nos ajuda, aliás, mais do que todos os outros, a conhecer Borges, o homem, na sua densa e sofrida humanidade.

Denuncia-se, já, no *Prólogo*, o caráter confessional que lhe marca muitas páginas. Nas revelações autobiográficas, algumas incidentais, algumas reiteradamente insistentes, e-lo diante de nós, na sua carência afetiva, na dolorosa consciência da cegueira, na tímida frustração perante a vida — "*la que pudo haber sido y que no fue.*" (p. 41).

Aos setenta anos, quando David aconselha a que pouco se espere do homem, Borges se contenta em receber "*con tal vez temeraria hospitalidad los misceláneos temas que se ofrecieron a su rutina de escribir.*" (p. 9). Nessa miscelânea, em que a parábola sucede à confidência, o verso livre ou branco substitui o soneto, é o autor, ele próprio, presença constante a surpreender-nos muitas vezes com graves propósitos, vagas especulações e olhares já faltos de luz.

Embora não acredite nas escolas literárias — "*Descreeo de las escuelas literarias, que*

juzgo simulacros didácticos para simplificar lo que enseñan", faz, à primeira página, profissão de fé no Modernismo (entenda-se, o hispano-americano): "*si me obligaran a declarar de dónde proceden mis versos, diría que del Modernismo, esa gran libertad, que renovó las muchas literaturas cuyo instrumento común es el castellano y que llegó, por cierto, hasta España.*" (p. 9).

Quanto a influências, refere-se à dos escritores preferidos e, muito especialmente, à de Robert Browning. Os demais, lidos e repetidos, ou mesmo jamais lidos, "*pero que están en mí*", como confessa, aparecem no correr do texto, em singular e renovada prova de devoção às letras, ao saber enciclopédico, às inapeláveis cosmogonias. No "misterioso amor das palavras — este hábito de sons e símbolos" (p. 95), encontra a justificação do seu viver alienado. Acontece, no entanto, que, agora, a dúvida angustiante se insinua: "quando o corpo se cansa de ser homem, /quando o fogo declina e já é cinza" (p. 145). Então, o obstinado exercício do verso não mais o salva (p. 87). A vida inventada — reflexo e imagem da vida verdadeira, aparece-lhe na versão imaginária e impalpável como "resignada aprendizagem de uma empresa infinita" (p.

145). Digno do amor que espera (e não pede), socorre-o ainda o pensamento da companheira, desconhecida e incógnita, a ele destinada: "*Pienso también en esa compañera / que me esperaba, y que tal vez me espera*" (p. 41).

O poema "H.O." tinge-se dessa melancólica frustração que lentamente povoa o livro, envolvendo-o nas névoas e brumas da quinta estação de que fala Franz Hellens. Pungente e desgarradora, chega-nos antes à inteligência que à alma a confissão desesperada de carência, resumida na frase "*Esas cosas no son*", cujo paralelo — "*Otra es mi suerte*" — se constitui, no mundo presente, das coisas que são: "*Las vagas horas, la memoria impura/ El abuso de la literatura/ Y en el confin la no gusta da muerte.*" (p. 45).

O esquecimento e duas datas abstratas — seco atestado de vida — é tudo quanto pede para conquistar o definitivo descanso da memória abusiva e da vaga literatura. A esse tédio profundo, próprio do sábio e do erudito, se junta a cética verificação da perda da vista, raramente mencionada por Borges. *El oro de los tigres* consagra, mesmo no título, a consciência dolorosa dessa insuficiência. O "ouro dos tigres, nos fulgores do mito e da épica" (p. 161), eis o que lhe resta. Porque as outras cores o foram abandonan-

do progressiva e inexoravelmente. Aos seus olhos de sombra apenas chegam os tons amarelos do poente. Em longa nominata nos ensina quanto tem perdido e quanto perderá:

*"Regiones de la Escritura y del
[hacha
árboles que miraré y no veré,
viento con pájaros que ignoro,
[gratas noches de frío
que irán hundiéndose en el sueño
[y tal vez en la patria,
llaves de luz y puertas giratorias
[que con el tiempo serán hábitos,
despertares en que me diré Hoy
[es Hoy,
libros que mi mano conocerá,
amigos y amigas que serán voces,
arenas amarillas del poniente, el
[único color que me queda,
todo eso estoy cantando y así-
[mismo
la insufrible memoria de lugares
[de Buenos Aires
en los que no he sido feliz
y en los que no podré ser feliz."*

(East Lansing)

Ante esse lento ocultar-se do mundo aos olhos de quem lhe deplora, *cantando*, a perda inevitável, ocorre-nos a lembrança de Beethoven surdo. A um e outro a arte compensou carências e frustrações. E, poeta, ao músico talvez valesse, também, a oração de Borges, "Religio Medici, 1643" cujo verso final, nietzscheano, crisma *El oro de los tigres* como livro inaugural, pelo seu amargo ceticismo, dos seus setenta anos.

Convém conhecer na íntegra o belíssimo soneto (p. 49):

*"Defiéndeme, Señor. (El vocativo
No implica a Nadie. Es sólo una
[palabra
De este ejercicio que el desgano
[labra
Y que en la tarde del temor es-
[cribo.)*

*Defiéndeme de mí. Ya lo dijeron
Montaigne y Browne y un espa-
[ñol que ignoro;
Algo me queda aún de todo ese
[oro
Que mis ojos de sombra reco-
[gieron.*

*Defiéndeme, Señor, del impa-
[ciente
Apetito de ser mármol y olvido;
Defiéndeme de ser el que ya he
[sido,
El que ya he sido irreparable-
[mente.*

*No de la espada o de la roja
[lanza
Defiéndeme, sino de la espe-
[ranza."*

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ